

Filho, Ruy « PARTITUUR », in : Antro Positivo, 22 October 2018

https://www.antropositivo.com.br/single-post/2018/10/22/FCD-2018?fbclid=IwAR115HnctKjYYaAu7I2-jhYpxGGW4A6EgIM2cUmgNCAGoR_EIsEzn1C5HK0

FCD 2018

October 22, 2018 | por Ruy Filho



Acompanhe aqui as resenhas de Ruy Filho sobre o festival.

_Partituur

De Ivana Müller
Croácia/França
CCBB.SP

Algo em espetáculos interativos me incomoda. Um pouco é consequência a minha própria timidez pública, e imaginar me expor de maneiras pelas quais não me sinto seguro é dos momentos mais invasivos à minha intimidade. Não sou uma pessoa que dança, sobretudo em público. Mas Partituur, além de acontecer e abrir o Festival Contemporâneo de Dança de São Paulo, logo nos avisa: vocês receberão orientações pelos fones de ouvidos. Outro aspecto é preferir assistir aos espetáculos, principalmente quando escreverei sobre. Interagir me distrai, de certo modo, pois me tira parte da atenção que é olhar também aos espectadores. Não se acessa uma obra apenas como objeto isolado, não vejo assim o papel da crítica, e sim, pela capacidade em encontrar os diálogos propostos aos conquistados e o quanto se realizou coerente ao pretendido. Por isso, o outro, o espectador, é parte de algo maior do que o objeto: o acontecimento. Dito isso, o primeiro movimento foi receber meu fone, trocar o nome pelo trazido na etiqueta dada e esperar a inevitável interação. Subimos todos ao palco, não era possível assistir distante. Subimos e, dentre homens e mulheres de diversas idades, algumas crianças. Partituur se dirige a elas. E foi a elas que me peguei durante o jogo cênico qual participávamos. Aqui, um outro parêntese: tenho receio de espetáculos que instituem jogos de catalogações e sistematizações dos espectadores. São tantos e, quase sempre, tão óbvios em seus

procedimentos, que pouco oferecem como experiências para além do próprio jogo. Muitos me trazem a sensação de ser o mais importante o jogo e não o jogador, e o espectador utilizado apenas como mero recurso apelativo ao desenvolvimento do jogo, que, por si, não é nada maior ao teatro ou dança. Ainda assim, as primeiras ordens vinham aos ouvidos. Alguns se mantinham atentos, outros se distraíam observando ao redor; as crianças se encantavam como que imediatamente transferidas a um universo novo. E sorriam. Surpreendiam-se a cada sugestão. Pois lhes era confiado o direito de não fazer, de burlar, de dizer não. E também de escolher, de incluir, de pensar e repensar. Entre um salto e uma corria, encontrar e tocar alguém, trocar de lado e achar um número, o lúdico reavivou em todos as experiências de uma infância que nos exigiu reencontrar a ingenuidade e os primeiros sentimentos de se escolher algo. E não só. Se você prefere uma presidenta faça isso, se prefere um rei, aquilo. Um país que era o desenho do seu próprio corpo no chão. Você quer trocar de país (ou corpo)?, nade ou voe para outro. Quer voltar? As perguntas oportunas e incômodas sobre as verdades mais íntimas eram apenas outras possibilidades de brincar às crianças. O quanto levamos a sério demais as ordens que nos são trazidas? O quanto somos excessivamente obedientes? O quanto nos esquecemos de simplesmente sermos? Qual a matemática envolvida no ritmo dessas e tantas outras equações? Assistir as crianças descobrindo e fugindo do personagem-monstro que invade o palco era como perceber nas entrelinhas nossos próprios monstros publicamente expostos. Ivana Müller supera os dilemas comuns ao interativo atribuindo pela participação o lúdico como descoberta aos pequenos e reflexão aos grandes. Uma soma preciosa em tempos complexos. Pois é na valorização do lúdico, da percepção do ingênuo, do íntimo, do sensível, que o belo resiste por outra possibilidade ao humano. Um humano esperançoso de futuros. Um belo próprio do afeto, do sentir, do sentir-se. Um belo próprio da arte em sua qualidade máxima de ser um especial jogo de revelação sobre ainda estarmos vivos. O Festival Contemporâneo de Dança, sob Direção Artística de Adriana Grenchi, Direção Geral de Amaury Cacciacarro Filho e Cocuradoria Internacional de Rui Silveira começa convidando o público a se reconhecer e experienciar outro. Um ótimo início, mais uma vez, e agora a partir de um argumento urgente e fundamental a todos nós, tenhamos a idade que for.